

◆ 1-Política Econômica

A economia brasileira: balanço de 2000 e as perspectivas para 2001

No panorama econômico de 2000, os destaques foram a manutenção do controle da inflação, a ênfase no ajuste das contas públicas e a retomada do crescimento do nível de atividade.

A inflação acumulada em 2000, medida pelo IPCA, deverá ficar próxima a 6%, cumprindo a meta do governo. Em mais um ano de adoção das metas inflacionárias, o Banco Central mostrou maturidade e eficiência em diferenciar choques de oferta – que impactam os custos – de pressões do lado da demanda que justificariam a manutenção de um nível alto das taxas de juros da economia. Tanto à época da desvalorização do real no início de 1999, quanto em meados do ano de 2000 as pressões inflacionárias – que decorreram do aumento dos custos – foram concentradas no tempo, ou seja, não refletiram uma tendência contínua de alta dos preços. A evolução favorável da inflação permitiu a redução das taxas de juros básicas da economia, que passaram de 19% ao ano em janeiro, para 15,75% em dezembro. A redução só não pode ser mais intensa tendo em vista a ameaça da alta dos preços do petróleo e as incertezas geradas no ambiente externo.

Quanto às contas públicas, o desempenho favorável, já registrado em 1999, prosseguiu em 2000. De janeiro a novembro, o superávit primário acumulado do setor público foi de R\$ 41,5 bilhões, expressivamente acima dos R\$ 36,7 bilhões acertados junto ao FMI. Em porcentagem do PIB e a preços do último mês, o superávit acumulado foi de 4,13%, superior aos 3,25% acordados com o FMI para o ano. Vale destacar que tem ocorrido um significativo esforço fiscal de todas as esferas do governo. A expectativa do governo é de que o déficit nominal feche o ano de 2000 em torno de 4,00% do PIB, significativamente abaixo dos 5,75% registrados em 1999. Outro fato importante foi a aprovação da Lei de Responsabilidade Fiscal, que colaborará para um regime de administração responsável nos três níveis do governo nos próximos anos.

Em relação ao nível de atividade, o ano de 2000 foi marcado pela retomada do crescimento econômico, com destaque para a expansão do setor industrial. Segundo o IBGE, o PIB - a preços de mercado - apresentou um crescimento acumulado até o terceiro trimestre de 2000 de 3,89%, em relação ao mesmo período de 1999. O mercado projeta para o fechamento do ano um crescimento real do PIB de cerca de 4%, em relação ao ano de 1999 - ver Anexo Estatístico.

No *front* externo, entretanto, os resultados não foram tão positivos. A Balança Comercial fechou o ano com um déficit de US\$ 691 milhões. Apesar do crescimento expressivo das exportações, que foi de 14,7% no ano, este resultado reflete, principalmente, a forte retomada das importações – com variação de 13,2% no mesmo período – decorrente da retomada do crescimento econômico – além, obviamente das pressões de alta do preço do petróleo. O déficit em conta corrente deverá fechar o ano em torno de 4% do PIB.

Em 2001, a evolução do cenário externo con-

tinuará a ser determinante para a continuidade do bom desempenho da economia brasileira. No fim de 2000, o ambiente externo tornou-se menos preocupante com o anúncio do pacote de ajuda internacional à Argentina e com a perspectiva de juros em baixa nos Estados Unidos nos próximos meses. Isto reflete o reconhecimento por parte do FED da existência de sinais de desaceleração da economia dos EUA.

Na verdade, um cenário externo provável e favorável para o Brasil em 2001 deverá incluir: i) uma “aterrissagem” tranqüila da economia dos EUA; ii) a manutenção de um razoável dinamismo da economia européia; iii) a continuidade de recuperação da Ásia e América Latina, e iv) a confirmação da tendência de queda dos preços internacionais do petróleo.

No que diz respeito ao ambiente interno, a meta de inflação de 4% para o próximo ano deverá ser atingida sem maiores problemas. Em relação às contas públicas, apesar do aumento do salário mínimo para R\$ 180,00 representar uma importante fonte de pressão, o governo vem dando sinais claros de que o reajuste deverá ser viabilizado pela geração de receitas extras e/ou corte de outros gastos. Sendo assim, a meta de superávit primário de 3,0% deverá ser atingida. Quanto ao nível de atividade, as projeções do mercado apontam para um crescimento real do PIB em torno de 4,0% em 2001 – este resultado certamente dependerá da confirmação do cenário externo favorável descrito anteriormente.

O grande desafio para o próximo ano continuará sendo a solução para o desequilíbrio das contas externas. As previsões mais otimistas do mercado apontam para um superávit comercial de US\$ 1,5 bilhão em 2001. Confirmando-se este resultado, o déficit em conta corrente ficaria próximo de US\$ 26 bilhões, um resultado parecido com o de 2000. Tendo isto em vista, fica claro que uma das prioridades do governo continuará sendo o apoio à expansão das exportações brasileiras.

Além das novas medidas de apoio às exportações anunciadas recentemente, tem crescido também a preocupação do governo no sentido de redução das importações, mediante o aumento do índice de nacionalização de componentes e equipamentos. É importante ressaltar que este processo de substituição de importações ou “adensamento das cadeias produtivas” – como tem sido recentemente chamado – não significa a tentativa de retorno ao modelo passado de economia fechada ao exterior. Ao contrário, o principal objetivo é exportar cada vez mais sem, entretanto, gerar déficits comerciais significativos, como vem ocorrendo nos setores de eletroeletrônicos, por exemplo. A política de “adensamento das cadeias produtivas” deverá privilegiar a atração das empresas que hoje exportam ao Brasil, para que passem a produzir esses produtos no país. Os principais incentivos a entrada destas empresas no Brasil deverão ser a abertura de novas linhas de financiamento e o próprio tamanho do mercado interno brasileiro.

ÍNDICE

◆ 2 - Nível de Atividade: A Evolução da taxa de desemprego.....	2
◆ 3 - Inflação: O resultado dos últimos indi- ces.....	3
◆ 4 - Finanças Públicas: As receitas federais em novembro	4
◆ 5 - Mercado Financeiro: A Taxa Selic cai para 15,75% ao ano.....	5
◆ 6 - Setor Externo: A Balança Comercial em 2000.....	6
◆ 7 - Operações do BNDES e da FINAME.....	7
◆ 8 - Anexo Estatístico.....	9

◆2 - Nível de Atividade

O desempenho recente do nível de atividade

Os últimos dados disponíveis apontam para a continuidade de crescimento do nível de atividade.

Segundo o IBGE, a produção física industrial apresentou um crescimento de 7,2% em outubro, ante igual mês do ano anterior - ver Gráfico 2.1. No ano, o indicador acumulou uma variação positiva de 6,6%, ante o período janeiro/outubro de 1999.

Segundo a CNI, as vendas reais da indústria apresentaram uma expansão de 12,1% em outubro, contra o mesmo mês do ano anterior. No ano, o indicador acumulou um crescimento de 10,6%, em relação a janeiro/outubro de 1999. O nível de utilização da capacidade dessazonalizado foi de 81% em outubro, contra os 79% de igual mês do ano anterior.

Conforme a FIESP, o INA registrou um crescimento dessazonalizado de 1,9% em outubro, em comparação ao mesmo mês de 1999. Na comparação com igual mês do ano anterior, o INA registrou um crescimento de 7,1% - ver Gráfico 2.1.

Na análise da indústria por categorias de uso do IBGE, continuam destacando-se os desempenhos da produção física industrial de bens de consumo durável e de bens de capital, com crescimento de 19,4% e 17,2%, respectivamente, em outubro, contra outubro de 1999 - ver Gráfico 2.2. Estas categorias de uso acumulam no ano taxas de crescimento de 19,1% e 12,9%, respectivamente, ante um crescimento acumulado de 6,6% registrado pela média da indústria.

A produção de autoveículos

Segundo a Anfavea houve um crescimento da produção de autoveículos de 21,9% no acumulado até novembro, ante igual período de 1999 - ver Gráfico 2.3.

Evolução da taxa de desemprego

Em novembro, a taxa de desemprego aberto do IBGE foi de 6,2%, contra os 7,3% de igual mês de 1999 - ver Gráfico 2.4. Desde junho deste ano, a taxa de desemprego vem apresentando mensalmente valores inferiores aos registrados em iguais meses de 1999. No

ano, a taxa média de desemprego encontra-se em 7,35%, abaixo dos 7,56% registrados no ano de 1999. Isto demonstra que a retomada do crescimento do nível de atividade começou, finalmente, a impactar de forma mais significativa o mercado de trabalho.

GRÁFICO 2.1
INDICADORES DO NÍVEL DE ATIVIDADE
COM AJUSTE SAZONAL - JAN 98 = 100

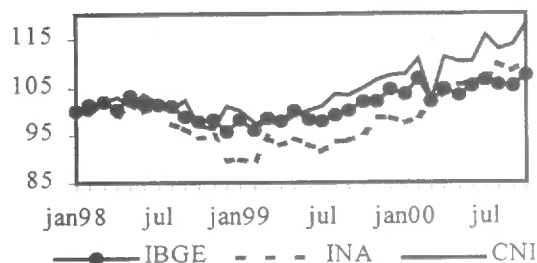


GRÁFICO 2.2
PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL IBGE

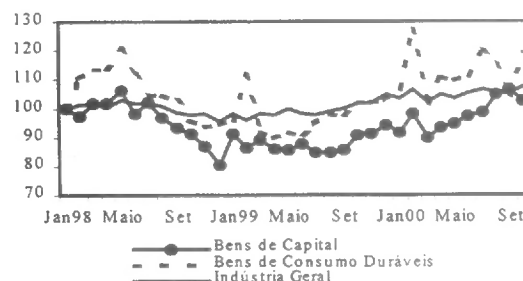


GRÁFICO 2.3
PRODUÇÃO DE AUTOVEÍCULOS - ANFAVEA
(EM MIL UNIDADES)

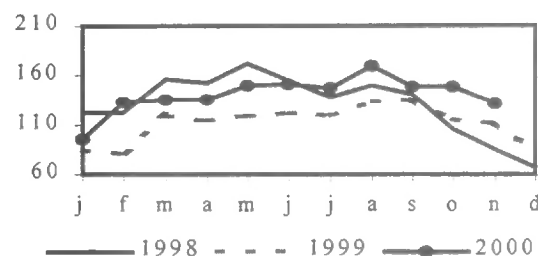
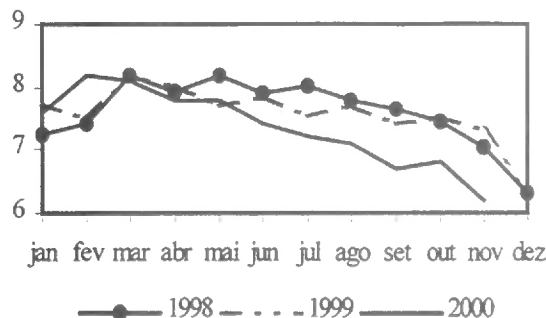


GRÁFICO 2.4
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO - IBGE (%)





◆3 - Inflação

O resultado dos últimos índices

O IPCA e o IGP-DI registraram taxas de inflação de 0,32% e 0,39%, respectivamente em novembro ante os 0,14% e 0,37% registrados no mês anterior – Ver Tabela 3.1. O IPC- FIPE apresentou uma deflação de 0,05% no mês de novembro. A inflação média – calculada a partir dos três índices citados anteriormente – ficou em 0,22% em novembro, ante o 0,17% registrado em outubro. Com estes resultados, a inflação média acumulada em 12 meses caiu de 8,51% em outubro para 6,97% em novembro – ver Gráfico 3.1.

Estes resultados são confirmados pela evolução do núcleo da inflação: no acumulado em 12 meses, até novembro, a variação do núcleo da inflação foi de 3,94%, abaixo dos 4,12% registrados no acumulado em 12 meses até outubro – ver Tabela e Gráfico 3.2.

O IPC-FIPE

O Índice de Preços ao Consumidor, divulgado pela FIPE, registrou, na segunda quadrissemana de dezembro, uma inflação de 0,16%, frente a deflação de 0,05% registrada no mês anterior. Este resultado já incluiu o impacto do reajuste dos combustíveis para o consumidor final. O destaque de alta ficou com o item transportes cujo reajuste de preço atingiu 1,65%. Este resultado foi compensado em parte pelo desempenho favorável do item alimentação, com deflação de 1,02% no período. Para

TABELA 3.1
INFLAÇÃO MENSAL (%)

Mês	Índices de preços			
	IGP-DI	IPCA	FIPE	Média
Jan/99	1,15	0,70	0,50	0,78
fev	4,44	1,05	1,41	2,30
mar	1,98	1,10	0,56	1,21
abr	0,03	0,56	0,47	0,35
mai	-0,34	0,30	-0,37	-0,14
jun	1,02	0,19	-0,08	0,38
jul	1,59	1,09	1,09	1,26
ago	1,45	0,56	0,74	0,92
set	1,47	0,31	0,91	0,90
out	1,89	1,19	1,13	1,40
nov	2,53	0,95	1,48	1,65
dez	1,23	0,60	0,49	0,77
Jan/00	1,02	0,62	0,57	0,74
fev	0,19	0,13	-0,23	0,03
mar	0,18	0,22	0,23	0,21
abr	0,13	0,42	0,09	0,21
mai	0,67	0,01	0,03	0,24
jun	0,93	0,23	0,18	0,45
jul	2,26	1,61	1,40	1,76
ago	1,82	1,31	1,55	1,56
set	0,69	0,23	0,27	0,40
out	0,37	0,14	0,01	0,17
nov	0,39	0,32	-0,05	0,22

GRÁFICO 3.1
INFLAÇÃO
TAXA ACUMULADA EM 12 MESES (%)

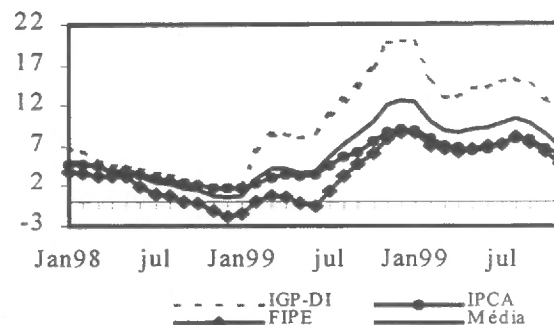


GRÁFICO 3.2
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)
TAXA ACUMULADA EM 12 MESES

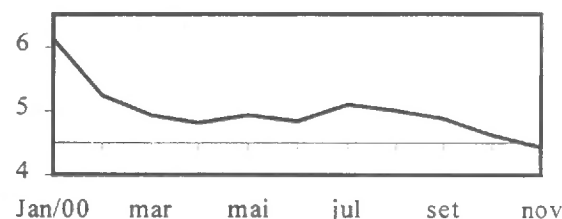


TABELA 3.2
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)

	IPC/FGV		Core	
	Mês	12 meses	Mês	12 meses
Jan/00	1,01	9,52	0,45	5,62
fev	0,05	8,04	0,17	4,73
mar	0,51	7,57	0,24	4,42
abr	0,25	7,28	0,26	4,31
mai	0,40	7,63	0,39	4,44
jun	-0,01	6,92	0,16	4,33
jul	1,91	7,67	0,74	4,60
ago	0,86	8,08	0,27	4,49
set	0,04	7,92	0,13	4,39
out	0,02	6,95	0,21	4,12
nov	0,40	6,19	0,35	3,94

o fechamento do mês de dezembro, a FIPE espera uma inflação de 0,5%. A projeção para o ano é de uma inflação acumulada de cerca de 4,6%.

O IGP-M

Em dezembro, o IGP-M, registrou uma taxa de variação de 0,63%, acima do 0,29% de novembro. A taxa foi pressionada pelo aumento dos combustíveis e pelo reajuste dos preços da energia elétrica e dos ônibus urbanos no Rio de Janeiro. No ano, a variação acumulada do IGP-M foi de 9,95%.

O IPA-M, o IPC-M e o INCC-M registraram, em dezembro, respectivamente, taxas de inflação de 0,66%, 0,61% e 0,49%.

◆4 - Finanças Públicas

A evolução do déficit nominal do setor público

O déficit público nominal no acumulado janeiro/novembro de 2000 – excluindo o efeito da variação cambial – foi de 3,07% do PIB, significativamente abaixo dos 5,75% do PIB de 1999 – ver Tabela 4.1.

O total de despesas com o pagamento dos juros nominais sobre a dívida pública atingiu 7,20% do PIB no acumulado até novembro, contra os 8,98% do PIB em 1999.

Em relação ao resultado primário, houve um superávit de 4,13% do PIB no período, ante um superávit de 3,23% do PIB em 1999. Vale ressaltar o aumento do superávit primário dos governos regionais, que de 0,22% do PIB em 1999, passou para 0,94% do PIB no acumulado janeiro/novembro de 2000. Esta melhora decorreu, principalmente, da recuperação do resultado primário dos estados.

As receitas federais em novembro

Segundo a Secretaria da Receita Federal, a arrecadação federal apresentou um crescimento real de 5,76% em novembro de 2000, ante o mesmo mês de 1999 – ver Tabela 4.2. No acumulado no ano até novembro, a arrecadação apresentou um crescimento real de 2,09%.

TABELA 4.1
NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (NFSP)(1) - sem desvalorização cambial
Acumulado no ano (em % do PIB)

	1999		2000
	jan-nov	ano	jan-nov
Nominal	5,19	5,75	3,07
Governo Central	2,04	2,32	1,06
Gov. Fed. e Bacen	2,35	2,69	1,87
Empresas Estatais Federais	-0,31	-0,37	-0,80
Governos Regionais	3,16	3,43	2,01
Governos Estaduais	2,47	2,66	1,67
Governos Municipais	0,34	0,45	0,25
Empresas Estatais Estaduais	0,30	0,28	0,08
Empresas Estatais Municipais	0,04	0,04	0,01
Juros Nominais	8,91	8,98	7,20
Governo Central	5,35	5,33	4,25
Gov. Fed. e Bacen	5,06	5,06	4,17
Empresas Estatais Federais	0,29	0,27	0,08
Governos Regionais	3,55	3,65	2,95
Governos Estaduais	2,71	2,82	2,29
Governos Municipais	0,52	0,52	0,41
Empresas Estatais Estaduais	0,30	0,29	0,23
Empresas Estatais Municipais	0,02	0,02	0,02
Primário	-3,71	-3,23	-4,13
Governo Central	-3,32	-3,01	-3,18
Gov. Fed. e Bacen	-3,60	-3,31	-3,10
INSS	0,88	0,94	0,80
Empresas Estatais Federais	-0,60	-0,64	-0,88
Governos Regionais	-0,40	-0,22	-0,94
Governos Estaduais	-0,24	-0,16	-0,62
Governos Municipais	-0,17	-0,07	-0,17
Empresas Estatais Estaduais	-0,01	-0,02	-0,15
Empresas Estatais Municipais	0,02	0,02	0,00

Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: (1)(-) = superávit

Títulos Públicos Federais

A observação dos títulos federais classificados por indexador aponta para a continuidade do aumento da participação dos títulos públicos pré-fixados no total. Esta participação passou de 9% em média no ano de 1999, para 15% em novembro de 2000 – ver Tabela 4.3. Os títulos indexados à taxa over/SELIC continuam apresentando a maior participação, que atingiu 53% do total em novembro de 2000.

A dívida líquida do setor público

A dívida líquida do setor público – excluindo base monetária – foi de 45,0% do PIB em novembro de 2000 – ver Tabela 4.4.

TABELA 4.2
ARRECAÇÃO DAS RECEITAS FEDERAIS
a preços de novembro de 2000

Ano	Arrecadação (R\$ milhões)			Variação (%)		
	Out	Nov	Jan-nov	Nov00/ Out00	Nov00/ Nov99	Jan-Nov00/ Jan-Nov99
1999	14322	14401	162405	-	-	-
2000	15769	15231	165793	-3,41	5,76	2,09

Fonte: Secretaria da Receita Federal.

TABELA 4.3
TÍTULOS PÚBLICOS FEDERAIS
PARTICIPAÇÃO POR INDEXADOR (%)

Indexadores	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000 (nov)
Câmbio	8,3	5,3	9,4	15,4	21,0	24,2	21,9
SELIC	16,0	37,8	18,6	34,8	69,1	61,1	52,6
Prefixados	40,2	42,7	61,0	40,9	3,5	9,2	15,1
IGP/IGP-M	12,5	5,3	1,8	0,3	0,4	2,4	5,7
Outros	23,0	8,9	9,2	8,6	6,0	3,1	4,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Banco Central.

TABELA 4.4
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO - FIM
DE PERÍODO (% PIB) (1)

Composição	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000 (nov)
Dívida interna	17,6	21,8	27,0	26,4	32,6	34,5	35,2
Governo Central	3,0	6,6	12,0	13,1	17,3	17,7	19,3
Gov. estaduais e municipais	9,5	10,3	11,1	12,4	14,0	15,6	14,9
Empresas estatais	5,1	4,9	3,9	0,9	1,3	1,2	0,9
Dívida externa	8,4	5,5	3,9	4,3	6,4	10,5	9,8
Governo Central	6,2	3,5	1,6	1,9	4,3	8,0	7,5
Gov. estaduais e municipais	0,3	0,3	0,4	0,5	0,7	0,9	0,9
Empresas estatais	1,9	1,7	1,9	1,9	1,4	1,6	1,3
Dívida total	26,0	27,3	30,9	30,7	39,0	45,0	45,0
Governo Central	9,2	10,1	13,6	15,0	21,6	25,7	26,8
Gov. estaduais e municipais	9,8	10,6	11,5	12,9	14,7	16,5	15,8
Estados	n.d.	n.d.	n.d.	11,1	12,7	14,3	13,8
Municípios	n.d.	n.d.	n.d.	1,8	2,0	2,2	2,0
Empresas estatais	7,0	6,6	5,8	2,8	2,7	2,8	2,2
Federais	n.d.	n.d.	2,5	1,0	0,5	0,4	-0,3
Estaduais	n.d.	n.d.	3,2	1,7	2,1	2,2	2,3
Municipais	n.d.	n.d.	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2
Base monetária	3,6	3,1	2,4	3,6	4,4	4,7	3,6
Dívida total com base monetária	29,6	30,4	33,3	34,3	43,4	49,7	48,6

Fonte: Banco Central

Nota: (1) Exclui base monetária.

◆5 - Mercado Financeiro

A Taxa SELIC cai para 15,75% ao ano

Na última reunião do Copom, o Banco Central decidiu reduzir a taxa Selic de 16,50% para 15,75% ao ano.

Por um lado, esta decisão tomou como base o desempenho favorável da economia brasileira, marcado pela retomada do crescimento econômico - sem pressão sobre os preços - e o bom desempenho fiscal. A taxa de inflação medida pelo IPCA - índice oficial - deverá fechar o ano em cerca de 6%, o que representará um resultado em torno de 3 pontos percentuais abaixo do registrado em 1999. Esta queda ocorreu apesar do impacto negativo do reajuste dos preços administrados e da desvalorização do real. Na verdade, a estabilidade das expectativas de inflação ao longo do ano demonstrou a capacidade que a economia brasileira teve para absorver choques de custos, sem que isto implicasse em impactos expressivos sobre a evolução dos preços. As perspectivas para a inflação em 2001, são ainda mais favoráveis. O governo espera atingir sem problemas a meta de 4% tendo em vista os seguintes fatores: i) queda do preço internacional do petróleo; ii) um aumento de cerca de 6% para os preços administrados - cerca da metade do registrado em 2000; e iii) o aumento da safra agrícola.

Por outro, refletiu um maior otimismo em relação à evolução do ambiente externo. Em primeiro lugar, os preços do petróleo começaram a cair significativamente tanto nos mercados à vista quanto no futuro - ver Gráfico 5.2. Em segundo lugar, o FED dos EUA tem mostrado uma preocupação quanto à desaceleração do crescimento da economia daquele país, sinalizando para uma queda das taxas de juros nos próximos meses. Finalmente, o recente "pacote" de ajuda à Argentina - negociado com bancos e organismos internacionais - melhorou o perfil de financiamento daquele país, criando bases para uma possível recuperação do crescimento no próximo ano.

No mercado futuro, as taxas de juros DI, anualizadas, projetadas para janeiro, fevereiro e março de 2001 fecharam, em 28/12, em 15,71%, 15,76% e 15,80%, respectivamente.

A evolução do *spread* de risco

O *spread* médio de risco soberano do Brasil (Par bond) - pontos básicos sobre o bônus do Tesouro dos EUA de características semelhantes - em dezembro foi de 954, abaixo dos 986 de novembro - ver Gráfico 5.3. É de esperar que tendo em vista os bons resultados

GRÁFICO 5.1
TAXA SELIC (%)

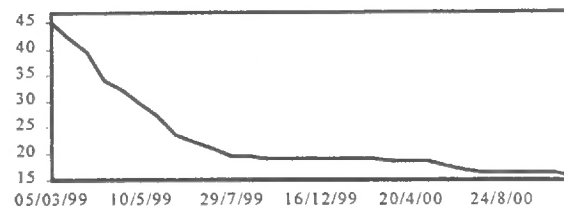


GRÁFICO 5.2
PREÇO DA CESTA DE PETRÓLEO

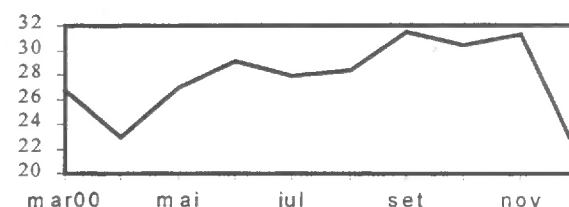


GRÁFICO 5.3
SPREAD DE RISCO SOBERANO

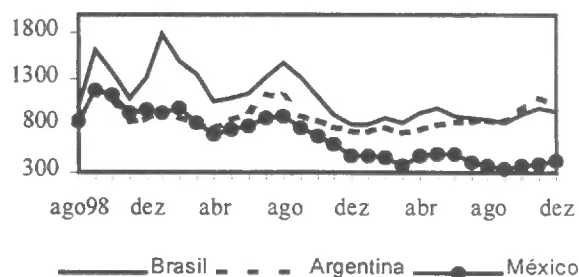
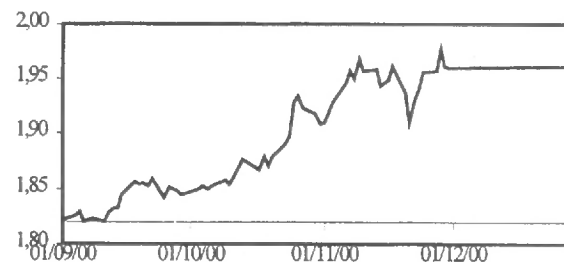


GRÁFICO 5.4



da economia brasileira e a melhora do cenário externo, o *spread* volte a cair nos próximos meses.

O Mercado de Câmbio

No dia 29/12, a cotação da Ptax (venda) foi de R\$ 1,9554, ligeiramente inferior ao R\$ 1,9596 registrado no final do mês de novembro - ver Gráfico 5.4.

Os contratos de US\$ futuro com fechamento em primeiro de fevereiro e março tinham, em 28/12, uma cotação de R\$ 1,9652 e R\$ 1,9730 respectivamente.

◆6 - Setor Externo

A Balança Comercial em 2000

A balança comercial fechou o mês de dezembro com um déficit de US\$ 213 milhões, com exportações de US\$ 4,7 bilhões e importações de US\$ 4,9 bilhões. No ano de 2000, o déficit acumulado de US\$ 691 milhões ficou abaixo do US\$ 1,2 bilhão de 1999 e foi o melhor resultado da balança comercial nos últimos seis anos. Em 2000, o total das exportações foi de US\$ 55,1 bilhões, contra US\$ 55,8 bilhões de importações. O destaque das exportações no ano de 2000 coube às vendas externas de bens manufaturados que atingiram US\$ 32,5 bilhões.

A balança comercial desagregada de novembro

A Balança Comercial brasileira, em novembro, registrou um déficit de US\$ 630 milhões, o que correspondeu a um resultado das exportações e das importações de US\$ 4,4 bilhões e US\$ 5,0 bilhões, respectivamente.

No acumulado do ano, até novembro, as exportações somaram US\$ 50,4 bilhões e as importações US\$ 50,1 bilhões, resultando em um saldo comercial negativo de US\$ 474 milhões no período.

Apesar do desempenho comercial do país estar aquém das expectativas iniciais do mercado – fruto de um significativo aumento das importações –, vale ressaltar que as exportações continuam apresentando um bom desempenho – ver Gráficos 6.1 e 6.2.

No acumulado do ano, novembro, as exportações registraram uma taxa de crescimento de 16,4% em comparação com igual período do ano passado, com destaque para as vendas externas de produtos manufaturados que cresceram 20,3% – ver Tabela 6.1 e Gráfico 6.2.

No acumulado do ano, até novembro, as importações totais cresceram 13,6% em relação a igual período de 1999, enquanto as importações de matérias-primas e bens intermediários aumentaram 18,7% – ver Tabela 6.2.

A evolução dos índices de preço e de quantum

Segundo a FUNCEX, o *quantum* exportado total cresceu 6,8% em novembro, ante igual mês do ano anterior. No acumulado no ano até novembro, o crescimento foi de 12,7% – ver Tabela 6.3. No comparativo mês/igual mês do ano anterior, o destaque de crescimento ficou com o *quantum* exportado dos produtos básicos. No acumulado no ano, entretanto, o destaque continua sendo a expansão do *quantum* exportado de bens manufaturados.

Em relação à evolução dos preços de exportação, apesar de estar ocorrendo um processo de recuperação ao longo deste ano, os índices ainda encontram-se abaixo da média registrada em 1997/1998. Até novembro,

houve uma variação acumulada no ano positiva de 2,7%. Os preços de exportação dos produtos semimanufaturados são os que apresentam a maior recuperação, acumulando no ano um crescimento de 13,1%, contra janeiro/novembro de 1999. Já os preços dos produtos básicos continuam apresentando um desempenho desfavorável, registrando uma queda acumulada de 2,4% até novembro – ver Tabela 6.3, novamente.

GRÁFICO 6.1
EXPORTAÇÕES:

VARIACÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)

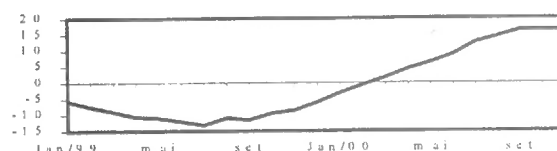


GRÁFICO 6.2

VARIACÃO DO ACUMULADO NO ANO(%)

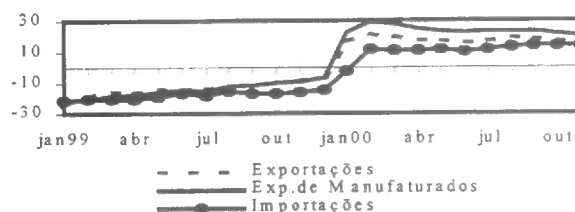


TABELA 6.1
EXPORTAÇÕES POR TIPO DE PRODUTO
US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan-Nov		Var. %
	2000	1999	
Básicos	11.743	10.870	8,0
Industrializados	37.310	31.684	17,8
Semimanufaturados	7.743	7.116	8,8
Manufaturados	29.567	24.568	20,3
Ops. Especiais	1.374	783	75,5
Total	50.427	43.337	16,4

Fonte: Secex.

TABELA 6.2
IMPORTAÇÕES POR CATEGORIA DE USO
US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan-Nov		Var. %
	2000	1999	
Matérias primas e bens intermediários	26.138	22.020	18,7
Combustíveis e lubrificantes	5.855	3.788	54,6
Bens de capital	12.200	12.297	-0,8
Bens de consumo	6708	6696	0,2
Não-duráveis	3.589	3.804	-5,7
duráveis	3.119	2.892	7,8
Automóveis	1.118	1.084	3,1
Outros duráveis	2.001	1.808	10,7
Total	50.901	44.801	13,6

Fonte: Receita Federal.

TABELA 6.3
ÍNDICES DE PREÇO E QUANTUM
DAS EXPORTAÇÕES (1996=100)

	Total		Básicos		Semimanufat.		Manufat.	
	Preço	quantum	Preço	quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum
jan00	83,0	104,2	74,8	95,3	82,8	109,5	86,2	106,1
fev	82,9	124,5	75,4	94,1	85,6	120,9	84,9	137,0
mar	83,8	133,7	74,6	119,1	85,7	112,4	86,7	147,3
abr	83,0	126,1	75,0	145,4	83,7	100,1	85,8	127,4
mai	84,4	150,2	75,2	177,5	86,6	109,8	88,1	149,1
jun	83,8	145,3	75,0	167,6	87,3	106,5	86,2	147,4
jul	85,3	156,9	76,0	170,6	89,0	116,9	87,9	147,1
ago	86,5	159,8	73,3	193,0	87,6	125,8	92,1	159,2
set	85,5	138,3	72,3	138,8	88,5	112,4	90,1	146,2
out	83,7	138,8	72,6	146,3	88,7	108,6	86,6	146,4
nov	83,5	131,6	73,2	141,1	85,8	118,6	86,3	132,8
nov00/nov99	2,6	6,8	-1,2	18,6	6,3	3,6	2,3	4,6
Acum. no ano	2,7	12,7	-2,4	10,3	13,1	-4,4	1,1	19,7

Fonte: FUNCEX.

◆7 - Operações do BNDES e FINAME

A evolução das operações

O valor dos desembolsos de recursos do BNDES registrou um crescimento real de 21% no acumulado em 12 meses até novembro de 2000 - ver Gráficos da página seguinte. Um resultado extremamente favorável em relação ao que se observou no acumulado em 12 meses até junho, que apresentou uma queda de 12%. Os desembolsos da FINAME, por sua vez, registraram uma expansão real de 54%, no período.

O valor das aprovações do BNDES caiu 2,4% em termos reais no acumulado 12 meses até novembro de 2000. O valor das aprovações da FINAME, por sua vez, apresentou uma expansão real de 34% no período - ver Gráficos da página seguinte.

O valor das consultas - pedidos de financiamento - do BNDES registrou uma expansão real de 15% no acumulado em 12 meses até novembro de 2000. No que diz respeito à FINAME, o valor das consultas apresentou uma expansão real de 89% no período, um resultado extremamente favorável.

Desembolsos por tipo de operação e empresa do BNDES

Os desembolsos do Sistema BNDES registraram o montante de R\$ 19,5 bilhões no acumulado no ano até novembro de 2000, ante os R\$ 17,2 bilhões registrados em igual período de 1999, ambos a preços de novembro de 2000 - ver Tabela 7.1. A BNDESPAR apresentou uma expansão real de 75% de seus desembolsos no acumulado até novembro de 2000, ante o mesmo período do ano anterior. A FINAME registrou um crescimento de 31% de seus desembolsos. O BNDES, por sua vez, apresentou uma redução real de cerca de 1% dos desembolsos no período. As liberações para operações indiretas registraram uma expansão real de 8%. As operações diretas, por sua vez, apresentaram uma queda real de 10% de seus desembolsos.

A distribuição setorial dos desembolsos

A evolução dos desembolsos setoriais acumulados no ano a partir de janeiro de 1998 pode ser observada na Tabela 7.2. No acumulado até novembro de 2000, os destaques foram a agropecuária e o setor de infra-estrutura, com crescimento real de 21% e 20%, respectivamente, de seus desembolsos. O setor de serviços apresentou uma expansão real de 11% das liberações, ante o acumulado janeiro/novembro de 1999. A indústria de transformação, por sua vez, apresentou um crescimento real de 10% dos seus desembolsos no período. Em novembro de 2000, as liberações para a indústria de transformação mantiveram a maior participação - de 49% - no total desembolsado - ver Tabela 7.3.

TABELA 7.1
DESEMBOLSOS DO SISTEMA BNDES (1)

Itens	Em R\$ milhões		
	2000	1999	Var. %
BNDES	10.783	10.885	-0,9
Op. Diretas	4.925	5.453	-9,7
Op. Indiretas	5.858	5.432	7,8
FINAME	6.837	5.209	31,2
BNDESPAR	1.865	1.067	74,8
Total	19.487	17.161	13,6

Fonte: AP/DEPLAN.

Nota: (1) Acumulado até novembro de cada ano, a preços de novembro de 2000 - deflator IGP-DI.

TABELA 7.2
TX. DE CRESC. REAL ACUMULADA ATÉ O MÊS (1)
DESEMBOLSOS

Meses	DESEMPENHO				Em %
	AGROP.	IND.	INFRA-	SERVIÇOS	TOTAL
	TRANSF. ESTRUTURA				
jan98	67,6	42,1	-1,7	23,8	19,0
fev	105,3	64,5	91,7	55,3	74,0
mar	88,1	100,0	57,6	30,0	71,3
abr	41,2	75,5	155,4	45,6	93,4
mai	13,8	73,7	146,0	26,1	55,2
jun	-8,8	65,5	90,6	27,1	43,1
jul	-11,5	32,4	112,1	36,8	40,7
ago	-8,0	38,9	86,2	49,4	40,9
set	-13,6	40,0	53,7	32,9	30,2
out	-12,8	31,0	43,6	36,2	24,6
nov	-7,0	29,6	16,0	22,0	13,3
dez	-6,2	16,7	-1,8	17,1	2,9
jan99	46,4	-13,3	-62,2	24,5	-19,4
fev	-24,8	11,8	-67,4	-11,2	-24,0
mar	-18,7	5,6	-30,8	3,2	-8,7
abr	-12,6	8,2	-58,8	-4,2	-26,8
mai	-5,4	5,0	-56,6	-2,3	-24,7
jun	-0,6	10,5	-57,1	-15,4	-24,5
jul	1,0	8,5	-60,9	-16,7	-27,4
ago	6,0	0,8	-59,0	-21,4	-28,8
set	-4,4	-5,2	-58,5	-23,0	-30,9
out	-6,0	-2,4	-54,9	-22,1	-28,1
nov	-13,5	-5,1	-47,0	-17,4	-24,8
dez	-14,4	0,3	-30,0	-17,0	-15,8
jan00	-2,5	-25,9	71,6	-4,9	-8,2
fev	2,4	-25,0	20,7	31,8	-10,9
mar	-14,4	-9,3	-29,0	1,2	-15,4
abr	-9,1	-15,5	-29,7	11,4	-17,1
mai	-12,9	-12,8	-12,4	-12,8	-12,7
jun	8,0	-19,8	-34,5	14,6	-18,7
jul	10,2	-17,2	26,7	15,7	-0,7
ago	14,1	-16,9	13,7	17,6	-3,0
set	20,0	-15,9	7,7	18,2	-3,7
out	25,0	0,4	0,9	10,8	2,9
nov	21,0	10,4	19,7	10,6	13,6

Fonte: AP/DEPLAN.

Nota: (1) Em relação a igual período do ano anterior - deflator: IGP-DI.

TABELA 7.3
DESEMB. SETORIAIS DO SISTEMA BNDES (1)

Setores	Em R\$ milhões			
	1999	2000	Var. %	Part. % 2000
TOTAL	19488	17160	13,6	100,0
AGROPECUÁRIA	1652	1365	21,0	8,0
IND. DE TRANSFORMAÇÃO	9264	8390	10,4	48,9
METALURGIA	1780	1206	47,7	7,0
MECÂNICA	764	673	13,6	3,9
MATERIAL DE TRANSPORTE	3988	3211	24,2	18,7
CELULOSE E PAPEL	279	308	-9,5	1,8
QUÍMICA, P.F., PERF.S. E VELAS	324	503	-35,6	2,9
PROD. ALIMENTARES E BEBIDAS	963	1371	-29,7	8,0
OUTRAS	1164	1117	4,2	6,5
INFRA-ESTRUTURA	6492	5424	19,7	31,6
SERVIÇOS	1914	1730	10,6	10,1
OUTROS	167	251	-33,6	1,5

Fonte: AP/DEPLAN.

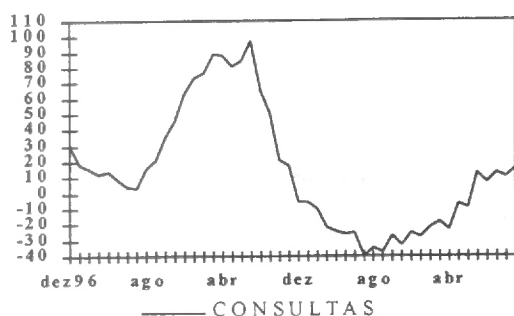
Nota: (1) Acumulado até novembro de cada ano, a preços de novembro de 2000 - deflator IGP-DI.

◆ Operações do BNDES e FINAME - Variação real (%)

(Acumulado 12 meses até o último mês *vis-à-vis* acumulado 12 meses até o mesmo mês do ano anterior.)

SISTEMA BNDES(1)

GRÁFICO 7.1



Fonte: AP/DEPLAN/GEPL/COEST.
Elaboração : AP/DEPEC/GESTE 2 e 3.

Notas: (1)) Inclui as operações do BNDES, FINAME e BNDESPAR.
Deflator: IGP-DI.

FINAME

GRÁFICO 7.2

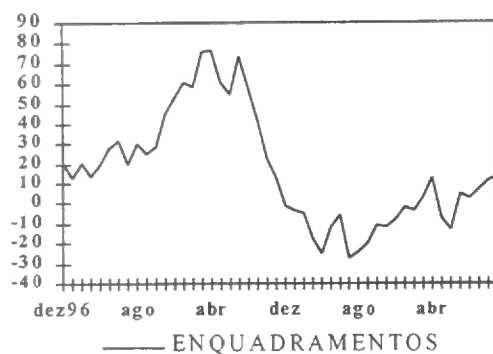


GRÁFICO 7.3

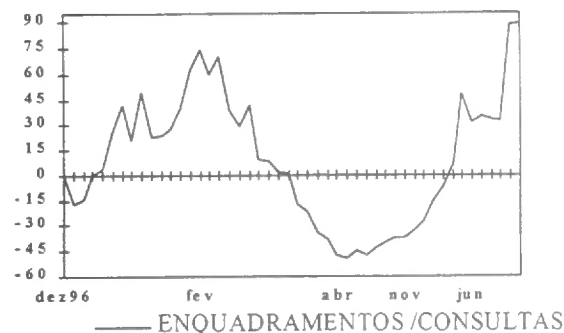


GRÁFICO 7.4

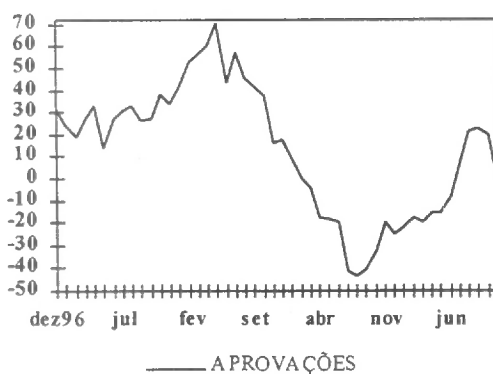


GRÁFICO 7.5

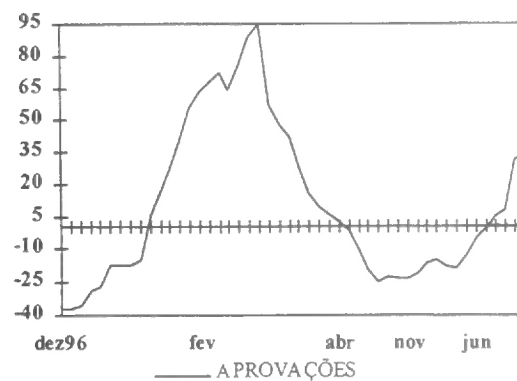


GRÁFICO 7.6

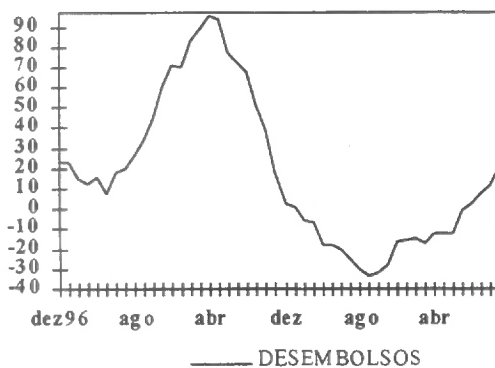
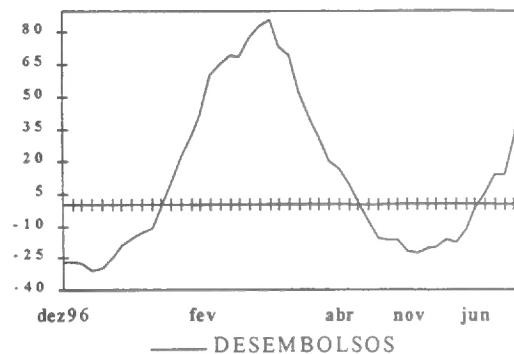


GRÁFICO 7.7



◆8 - Anexo Estatístico

EVOLUÇÃO COMPARATIVA DOS INDICADORES

	IGP-M / FGV			Dólar Comercial (var.%) (1)						UMBNDDES (2)		
	no mês		12 meses	no mês		no ano	12 meses			no mês		12 meses
	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano		no mês	no ano	12 meses
jan/99	0,84	0,84	1,67	64,08	64,08	76,49	58,15	58,15		58,15	58,15	76,58
fev	3,61	4,48	5,15	4,11	70,82	82,65	5,04	66,12		66,12	66,12	83,45
mar	2,83	7,44	7,92	-16,6	42,47	51,39	-16,92	38,01		38,01	38,01	54,69
abr	0,71	8,20	8,54	-3,56	37,40	45,12	-4,19	32,23		32,23	32,23	46,19
mai	-0,29	7,89	8,08	3,81	42,63	49,84	3,16	36,40		36,40	36,40	51,22
jun	0,36	8,27	8,06	2,64	46,40	52,94	2,55	39,88		39,88	39,88	55,37
jul	1,55	9,95	9,92	1,11	48,02	53,78	2,86	43,88		43,88	43,88	59,28
ago	1,56	11,67	11,81	7,08	58,50	62,77	7,75	55,04		55,04	55,04	67,91
set	1,45	13,29	13,52	0,33	59,02	62,11	1,13	56,79		56,79	56,79	65,71
out	1,70	15,21	15,36	1,60	61,57	63,66	1,65	59,38		59,38	59,38	61,75
nov	2,39	17,97	18,50	-1,55	59,06	60,05	-2,22	55,84		55,84	55,84	60,06
dez	1,81	20,10	20,10	-6,95	48,01	48,01	-7,07	44,82		44,82	44,82	44,82
jan/00	1,24	1,24	20,58	0,75	0,75	-9,12	-0,62	-0,62		-0,62	-0,62	-9,00
fev	0,35	1,59	16,78	-1,88	-1,14	-14,35	-2,53	-3,13		-3,13	-3,13	-15,55
mar	0,15	1,75	13,74	-1,20	-2,33	1,47	-0,28	-3,41		-3,41	-3,41	1,36
abr	0,23	1,98	13,20	3,40	0,99	8,79	1,51	-1,95		-1,95	-1,95	7,39
mai	0,31	2,30	13,88	1,10	2,10	5,95	1,61	-0,37		-0,37	-0,37	5,78
jun	0,85	3,17	14,44	-1,46	0,61	1,72	-0,86	-1,23		-1,23	-1,23	2,26
jul	1,57	4,79	14,46	-1,40	-0,80	-0,81	-2,42	-3,62		-3,62	-3,62	-2,99
ago	2,39	7,29	15,39	2,74	1,92	-4,83	2,50	-1,21		-1,21	-1,21	-7,72
set	1,16	8,54	15,06	1,11	3,05	-4,09	0,75	-0,47		-0,47	-0,47	-8,07
out	0,38	8,95	13,57	3,54	6,70	-2,25	2,90	2,41		2,41	2,41	-6,95
nov	0,29	9,26	11,24	2,65	9,53	1,92	2,75	5,23		5,23	5,23	-2,21
dez	0,63	9,95	9,95	-0,18	9,30	9,30	-0,01	5,22		5,22	5,22	5,22

Fonte: BNDES e Gazeta Mercantil.

Notas:

(1) Taxa de final de período.

(2) Variação cambial da cesta de moedas do BNDES (UMBNDDES).

QUADRO DAS PREVISÕES ANUAIS (1)

INSTITUIÇÕES	PIB (1)								FBCF		NFSP (%PIB)				Exportações		Importações		B. Comercial		Saldo em C. Corrente	
	TOTAL		IND(2)		AGR		SERV		(% do PIB)		Primário		Nominal		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
Citibank	4,0	4,0	4,6	4,8	3,5	4,4	3,5	3,6	-	-	-3,3	-3,0	4,3	3,3	54,7	59,5	55,8	61,1	-1,1	-1,7	-26,6	-29,3
Garantia	3,6	3,9	4,4	4,7	2,6	5,5	3,2	3,2	-	-	-3,6	-3,2	4,2	3,2	54,9	59,0	55,5	60,5	-0,6	-1,5	-25,2	-28,2
JP Morgan	4,0	4,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	55,2	60,3	56,0	59,7	-0,8	0,6	-26,6	-26,5
LCA	3,8	3,9	4,4	4,4	3,0	5,0	3,2	2,9	-	-	-3,4	-3,1	4,8	3,8	55,0	60,3	55,9	58,8	-0,9	1,5	-25,8	-26,4
Macrométrica	4,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-3,3	-2,5	4,1	-	55,3	-	56,0	-	-0,7	-	-24,7	-
MCM Consultores	3,8	3,5	4,5	3,5	3,4	4,5	3,5	3,3	20,4	20,4	-3,4	-3,0	4,6	3,0	54,7	61,7	55,6	61,7	-0,9	0,0	-25,3	-26,8
Rosenberg	3,7	4,0	4,4	4,9	5,6	5,6	3,3	3,2	-	-	-3,4	-3,0	4,1	3,4	55,2	61,0	55,7	59,0	-0,5	2,0	-25,1	-21,5
Tendências	3,9	3,9	4,9	3,5	1,3	6,0	3,3	3,5	20,5	20,1	-3,4	-3,0	4,9	2,5	54,5	56,3	54,5	57,5	0,0	-1,2	-23,7	-27,5
MÉDIA	3,9	3,9	4,5	4,3	3,2	5,2	3,3	3,3	20,5	20,3	-3,4	-3,0	4,4	3,2	54,9	59,7	55,6	59,8	-0,7	0,0	-25,4	-26,6
DESMOPADRÃO	0,16	0,16	0,18	0,59	1,29	0,59	0,12	0,22	0,05	0,15	0,09	0,21	0,31	0,40	0,28	1,63	0,46	1,35	0,31	1,37	0,91	2,29

Notas:

(1) Variação percentual.

(2) Exclusive Construção Civil e Serviços de Utilidade Pública.

INFLAÇÃO - QUADRO DAS PREVISÕES

INSTITUIÇÕES	IPC-FIPE				IGP-M			
	jan	fev	mar	2001	jan	fev	mar	2001
Citibank	0,30	0,20	0,30	4,00	0,55	0,30	0,10	5,00
Garantia	0,60	0,20	0,30	4,40	0,50	0,30	0,30	6,60
JP Morgan	0,30	0,30	0,30	4,00	-	-	-	-
LCA	0,40	0,00	0,10	4,10	0,45	0,20	0,30	5,00
Macrométrica	0,35	0,80	0,05	5,60	0,85	0,55	0,30	6,85
MCM Consultores	0,35	0,10	0,25	4,00	0,70	0,20	0,10	6,20
Rosenberg	0,30	0,30	0,20	4,40	0,30	0,30	0,30	4,70
Tendências	0,70	0,40	0,40	2,90	0,90	0,40	0,50	6,60
Média	0,41	0,29	0,24	4,18	0,61	0,32	0,27	5,85
Desvio Padrão	0,14	0,23	0,11	0,69	0,20	0,11	0,13	0,85

ÍNDICES ECONÔMICOS

mês	Taxa de variação dos preços(%)						Taxa Referencial de juros (%)	Taxa de Câmbio-venda SP R\$/US\$		
	IPCA	IPC (FIPE)	IGP-M (FGV)	IGP-DI (FGV)	IPA-DI (FGV)	IPA Ind (FGV)		Comercial Média	Comercial (1)	Paralelo (1)
jan/99	0,70	0,50	0,84	1,13	1,38	1,82	0,52	1,50	1,98	2,00
fevereiro	1,05	1,41	3,61	4,44	6,99	5,97	0,83	1,91	2,06	1,98
março	1,10	0,56	2,83	1,98	2,84	3,11	1,16	1,90	1,72	1,78
abril	0,56	0,47	0,71	0,03	-0,34	1,11	0,61	1,69	1,66	1,72
maio	0,30	-0,37	-0,29	-0,34	-0,82	0,71	0,58	1,68	1,72	1,73
junho	0,19	-0,08	0,36	1,02	1,35	0,89	0,31	1,77	1,77	1,82
julho	1,09	1,09	1,55	1,59	2,03	2,26	0,29	1,82	1,79	1,86
agosto	0,56	0,74	1,56	1,45	2,15	2,15	0,29	1,88	1,92	1,98
setembro	0,31	0,91	1,45	1,47	2,30	2,06	0,27	1,90	1,92	1,98
outubro	1,19	1,13	1,70	1,89	2,58	2,15	0,23	1,97	1,95	2,02
novembro	0,95	1,48	2,39	2,53	3,59	2,10	0,20	1,93	1,92	2,02
dezembro	0,60	0,49	1,81	1,23	1,60	0,97	0,30	1,85	1,79	1,95
Acum. Ano	8,94	8,64	20,10	19,99	28,88	28,32	5,74	-	-	-
jan/00	0,62	0,57	1,24	1,02	1,02	0,98	0,21	1,80	1,80	1,95
fevereiro	0,13	-0,23	0,35	0,19	0,17	0,74	0,23	1,78	1,77	1,88
março	0,22	0,23	0,15	0,18	-0,05	0,60	0,22	1,74	1,75	1,88
abril	0,42	0,09	0,23	0,13	-0,02	0,32	0,13	1,77	1,81	1,87
maio	0,01	0,03	0,31	0,67	0,69	0,72	0,25	1,83	1,83	1,92
junho	0,23	0,18	0,85	0,93	1,45	0,64	0,21	1,81	1,80	1,93
julho	1,61	1,40	1,57	2,26	2,79	2,48	0,12	1,80	1,77	1,93
agosto	1,31	1,55	2,39	1,82	2,56	1,70	0,20	1,81	1,82	1,94
setembro	0,23	0,27	1,16	0,69	1,09	0,67	0,10	1,84	1,84	1,99
outubro	0,14	0,01	0,38	0,37	0,56	0,45	0,13	1,88	1,91	2,02
novembro	-	-	0,29	-	-	-	0,12	1,95	1,96	2,07
Acum. Ano	5,02	4,16	9,26	8,55	10,70	9,68	1,99	-	-	-

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Cotação de final de período.

REMUNERAÇÃO REAL DOS ATIVOS FINANCEIROS (%) (1)

Mês	Bolsa SP	Poupança	Over	Ouro-Spot	Paralelo	Comercial	CDB
jan/99	19,44	0,18	1,33	68,58	53,75	62,71	0,89
fev	5,24	-2,20	-1,19	-2,45	-4,45	0,49	-1,17
mar	16,74	-1,13	0,49	-18,70	-12,58	-18,90	-0,40
abr	5,37	0,40	1,63	-1,65	-4,05	-4,24	1,25
mai	-2,02	1,37	2,31	-2,60	0,87	4,11	2,05
jun	4,47	0,45	1,31	-1,01	4,82	2,27	0,96
jul	-11,56	-0,74	0,11	-2,18	0,37	-0,43	-0,35
ago	-0,38	-0,75	0,01	3,39	5,10	5,44	-0,31
set	3,63	-0,66	0,04	17,66	-1,43	-1,10	-0,26
out	3,58	-0,96	-0,32	-2,20	0,31	-0,11	-0,60
nov	15,02	-1,65	-0,98	-4,16	-2,33	-3,85	-1,27
dez	21,84	-0,99	-0,20	-10,07	-5,18	-8,60	-0,63
Acum. no ano	109,76	-6,53	4,57	27,17	25,85	23,23	0,10
jan/00	-5,28	-0,51	0,22	-2,40	-1,22	-0,48	-0,03
fev	7,38	0,38	1,10	1,03	-3,93	-2,22	0,85
mar	0,75	0,57	1,30	-5,37	-0,15	-1,35	0,87
abr	-13,01	0,40	1,06	5,09	-0,76	3,16	0,82
mai	-4,03	0,44	1,19	0,59	2,36	0,79	0,86
jun	10,90	-0,14	0,53	2,96	-0,33	-2,29	0,20
jul	-3,16	-0,93	-0,26	-3,11	-1,55	-2,93	-0,47
ago	2,96	-1,64	-0,96	-1,32	-1,82	0,34	-1,34
set	-9,23	-0,55	0,07	-1,14	1,40	-0,04	-0,23
out	-7,02	0,25	0,90	-1,24	1,12	3,15	0,58
nov	-10,88	0,33	0,93	2,18	2,18	2,36	0,66
Acum. no ano	-28,85	-1,42	6,22	-3,13	-2,84	0,26	2,78

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Deflacionados pelo IGP-M.

CUSTO DO CRÉDITO (1)

Mês	TJLP	LIBOR(2) (6 meses)	Capital de Giro pré fixado(2)	Res. 63(3)	Desconto de duplicatas(4)	Export notes(3)	ACC(3)	Repasses do BNDES(5)	
								BNDES/FINAME automático	FINAME agrícola
jan99	12,84	4,91	75,22	20,32	5,68	11,98	11,74	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	5,06	81,82	53,87	6,08	14,83	12,56	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	5,06	75,71	25,50	5,77	13,00	12,85	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	13,48	5,04	74,19	18,81	5,67	15,92	11,34	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	5,25	65,15	17,12	5,09	16,78	10,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	5,62	60,48	15,22	4,63	13,00	10,58	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	14,05	5,71	57,90	13,16	4,36	11,56	10,70	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	5,92	54,74	13,15	4,22	12,54	10,67	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	5,93	54,10	12,99	4,11	17,49	10,73	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	12,50	6,12	50,04	12,74	3,84	14,78	10,73	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	6,06	49,85	12,77	3,91	14,70	9,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	6,13	49,81	12,76	3,79	14,71	10,06	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
Jan/00	12,00	6,17	49,07	11,93	3,84	15,72	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	6,29	46,52	13,02	3,61	14,31	10,30	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	6,53	46,73	11,56	3,68	9,18	9,82	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	11,00	6,51	43,43	11,66	3,52	8,87	9,61	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	6,98	45,68	11,80	3,58	9,87	9,60	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun (6)	-	6,92	-	-	-	-	-	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul (6)	10,25	6,87	-	-	-	-	-	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago (6)	-	6,83	-	-	-	-	-	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set (6)	-	6,70	-	-	-	-	-	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out (6)	9,75	6,67	-	-	-	-	-	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov (6)	-	6,64	-	-	-	-	-	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5

Fonte: Banco Central.

Notas: (1) Capital de giro, Res. 63, Desconto de duplicatas, Export notes e ACC, calculados a partir de dados do SISBACEN. (2) % ao ano. (3) % ao ano mais correção cambial. (4) Taxa antecipada - % ao mês (média mensal). (5) % ao ano + TJLP. A partir de agosto de 1997: % ao ano + TJLP + spread de risco do agente financeiro. (6) Com exceção da TJLP, da Libor e dos repasses do BNDES, as informações não estão disponíveis para os meses de junho, julho, agosto,